

SÍNDROME DE DOWN E EDUCAÇÃO

Ester Rodrigues dos Santos¹

Jessica Santos da Silva²

Romario Shono³

Rosangela Bressan Buosi⁴

SANTOS, E. R. dos; SILVA, J. S. da; SHONO, R.; BUOSI, R. B. Síndrome de Down e educação. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 39-46, jan./jun. 2016.

RESUMO: Uma das características mais interessantes do ser humano é a capacidade de mudança, a possibilidade de aprender e se desenvolver independente de suas limitações e dificuldades, assim este trabalho objetiva estudar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down na escola, com todos os fatores importantes encontrados numa instituição escolar especial ou não, que possibilite o pleno desenvolvimento das potencialidades de uma criança com Síndrome de Down. Para tanto, analisa-se o processo ensino-aprendizagem a partir de fatores constituintes do ser humano como a instituição escolar, a família e o desenvolvimento psicomotor.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Educação; Desenvolvimento; Síndrome de Down.

DOWN SYNDROME AND EDUCATION

ABSTRACT: One of the most interesting features of human beings is the ability to change, the possibility of learning and developing themselves regardless of their limitations and difficulties. Therefore, this paper aims to study the learning and development process of children with Down

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da UNIPAR. Endereço: Rua Maracanã, 1071, Jardim Kennedy, Umuarama - PR. CEP: 87508-350. E-mail: ester_silvio@hotmail.com

²Acadêmica do curso de Pedagogia da UNIPAR. Endereço: Rua Tiradentes, 2133. Centro, Alto Piquiri - PR. CEP: 87580-000. E-mail: jessica-acp@hotmail.com

³Acadêmico do curso de Pedagogia da UNIPAR. Endereço: Avenida Galdino de Almeida, 896, Centro, Mariluz - PR. CEP: 87477-0000. E-mail: romarioshono@hotmail.com

⁴Mestra em Comunicação e Semiótica das Mídias - PUC, SP. Docente da UNIPAR. E-mail: robresan@unipar.br

syndrome at school, with all relevant factors found in a special educational institution or not, which enables the full development of the potentialities of a child with Down syndrome. In order to do so, the teaching - learning process is analyzed from human-being constituent factors such as school, family and psychomotor development.

KEYWORDS: Development; Down syndrome. Education. Learning.

SÍNDROME DE DOWN Y EDUCACIÓN

RESUMEN: Una de las características más interesantes del ser humano es la capacidad de cambio, la posibilidad de aprender y desarrollarse independiente de sus limitaciones y dificultades, así, esta investigación tiene como objeto estudiar el aprendizaje y el desarrollo del niño con Síndrome de Down en la escuela, con todos los factores importantes encontrados en una institución escolar especial o no, que posibilite el pleno desarrollo de las potencialidades de un niño con Síndrome de Down. Para tanto, se analiza el proceso de enseñanza aprendizaje a partir de factores constituyentes del ser humano con la institución escolar, la familia y el desarrollo psicomotor.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje; Desarrollo; Educación; Síndrome de Down.

INTRODUÇÃO

A educação em qualquer sociedade é fundamental para formar, transformar e desenvolver seus indivíduos para viver bem na família, no trabalho e demais grupos e organizações sociais, sendo direito garantido tanto na Constituição Federal de 1988, como na Lei de Diretrizes e Bases 9394 de 1996, que declara a “Educação como direito de todos, dever do Estado e da família, que deve ser ofertado segundo os padrões de qualidade, assegurando aos indivíduos o acesso, a permanência e as condições de usufruto que os levem a progressão dos estudos, e que priorize a formação integral do sujeito”. Sendo assim, a criança com síndrome de Down, como qualquer outra criança tem direito a uma educação de qualidade que desenvolva suas potencialidades, apesar de suas dificuldades de aprendizagem. Sobre isso muitos estudos já demonstram os significativos avanços no desenvolvimento cognitivo de crianças com síndrome de

Down, resultado de um trabalho educativo sério e comprometido com a causa, eliminando as ideias equivocadas impregnadas na sociedade sobre a capacidade da pessoa com síndrome de Down.

CONCEITO DE SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é a principal causa genética de deficiência mental, identificada em 1866, pelo médico inglês John Langdon Down. A síndrome de Down é uma cromossopatia, ou seja, uma doença em que o quadro clínico é explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica, apresenta um cromossomo 21 extra, assim ocorre a trissomia 21, em que refere-se à presença de um cromossomo a mais no cariótipo de uma pessoa, e os cromossomos são representados por números. Assim, pessoas do sexo masculino são 46, XY e as mulheres são 46, XX.

Lefevre (1988), relata que as crianças com síndrome de Down apresentam algumas características físicas particulares que revelam sua deficiência, tais como: a cabeça da criança é um pouco menor quando comparada com as das crianças normais, a parte posterior da cabeça é levemente achatada (braquicefalia) na maioria das crianças o que dá uma aparência arredondada à cabeça; o rosto de uma criança pequena apresenta um contorno achatado, devido, principalmente, aos ossos faciais pouco desenvolvidos e ao nariz pequeno, geralmente, o osso nasal é afundado; os olhos são normais quanto ao formato, as pálpebras são estreitas e levemente oblíquas; as orelhas são pequenas, e às vezes, a borda superior é dobrada; os dedos dos pés, geralmente são curtos e pode haver um espaço entre o dedão e o segundo dedo.

Segundo a neuropatologia, a síndrome de Down é uma doença em que ocorre um retardo variável no desenvolvimento psicomotor, acontece a desaceleração no desenvolvimento do sistema nervoso central. O cérebro é reduzido de volume e de peso, especialmente nas zonas do lobo frontal, tronco cerebral e cerebelo. Sendo que as anomalias do cerebelo sejam responsáveis pela hipotonia, ou seja, a moleza dos músculos encontrada em quase todos os casos. Mesmo com esse atraso no desenvolvimento, “uma criança com síndrome de Down, tem tendência espontânea para a melhora, porque o seu sistema nervoso central continua a amadurecer com o correr do tempo” (LEFEVRE, 1988, p. 17).

APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Segundo a Associação Americana de Desenvolvimento, o termo 'deficiência mental' é a condição na qual o cérebro está impedido de atingir seu pleno desenvolvimento, prejudicando a aprendizagem e a interação social do indivíduo. Sendo assim, para definir com maior clareza o conceito de deficiência mental, a afirmação é sustentada a partir de três ideias expostas por Schwartzman, (1999): a primeira fala sobre o desenvolvimento – aprendizagem, no qual o desenvolvimento ocorre de acordo com uma série de aprendizagens mais complexas, não só quantitativa e qualitativa, mas também na interação entre outros fatores, seja o que pertence ao próprio aluno, seja o que adquirir na escola e na família; a segunda diz respeito a fatores biológicos, que quando alterados causa dificuldades na aprendizagem pois influencia no modo como a criança se relaciona com o mundo físico; e o terceiro tem a ver com o ambiente físico e social, que contribui para agravar a situação, por não estar preparado para agir de acordo com a deficiência .

Conforme observado por Schwartzman (1999), a síndrome de Down limita o desenvolvimento da criança, pois a deficiência as impedirá de absorver todos os estímulos oferecidos pelo meio, sucede de maneira tardia, mas acontece, o que sempre há de ocorrer é a diferença entre a idade mental e a cronológica, como resultado da vagareza na aprendizagem. Assim como a ausência de estímulos também acarreta em regressão, tudo o que é apreendido desde a infância até a idade adulta pode perder-se se houver uma parada nas atividades que estimulam o processo de aprendizagem.

Pueshel (1993), afirma que as limitações físicas e intelectuais da criança com síndrome de Down podem ser alteradas com uma administração competente e o treinamento precoce, em que a inteligência pode ser aperfeiçoada com a intervenção e a mediação de um adulto entre a criança e o meio. Assim, para aumentar os níveis de interesse, atenção e habilidade da criança são necessárias estratégias específicas que modifiquem significativamente os padrões de aprendizagem da criança, sendo que, tais técnicas não são utilizadas apenas nas instituições escolares, mas também podem ser apreendidas pelos pais e usadas de forma eficaz.

A escola tem papel importantíssimo para que a criança com síndrome de Down possa se desenvolver de forma mais eficaz, pois deve

reunir esforços para potencializar as capacidades do aluno, levando em conta os objetivos, os conteúdos e estratégias que lhes poderão ser mais úteis, seja na escola comum, seja na escola especial.

De acordo com Schwartzman (1999), as crianças com síndrome de Down, podem apresentar problemas em relação a aprendizagem decorrentes de lesões cerebrais e desajustes funcionais do sistema nervoso, principalmente porque, a aprendizagem ocorre devido a necessidade da integração dos processos neurológicos e do equilíbrio evolutivo de funções específicas como: linguagem, percepção, esquema corporal, orientação tempo – espacial e lateralidade; e depende também de aspectos cognitivos, afetivos, sociais e físicos. Assim, as crianças apresentam limitações na capacidade de organizar atos cognitivos e condutas que exigem a perspectiva do tempo, bem como tem dificuldades em planejar uma nova forma de conduta, a partir de sua escolha. Assim, o trabalho de reflexão por parte de educadores é necessário para investigar em que grau a aprendizagem, a compreensão, o raciocínio, comportamento, as reações e qualquer outra expressão podem estar comprometidas na pessoa com síndrome de Down.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

A lei de Diretrizes de Base, 9394 de 1996, define a Educação Especial como “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. Sendo assim, é recomendada apenas àqueles em que de fato o ensino regular não pode suprimir suas necessidades educacionais. Os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas e recursos educativos e organização específicos, bem como professores com especialização e acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais.

A educação especial caracteriza-se por um conjunto de providências que proporcionam à criança ajuda temporária, atendimento permanente e acompanhamento durante período maior de adaptação ao currículo comum. (SCHWARTZMAN, 1999, p. 253).

Caracterizando a Educação Inclusiva Schartzman (1999), afirma

que todos devem aprender juntos, em classes heterogêneas, com alunos da mesma idade, e sempre que possível levando em consideração suas dificuldades e diferenças. Essa educação prioriza a educação de todos na rede de ensino regular, num espaço em que haja aceitação e acolhimento às diferenças, promovendo um ambiente sem discriminação e preconceitos.

Criar escolas que realmente procurem se estruturar adequadamente para serem inclusivas é um desafio, que assombra a realidade brasileira. São muitas as dificuldades no sistema de ensino, bem como desigualdades imensas a nível de país no sistema público e privado. Nesse contexto, se torna bem complexo inserir um aluno com necessidades educacionais específicas e principalmente com síndrome de Down na rede regular de ensino.

De acordo com Schwartzman (1999), para início de mudança nas medidas administrativas para tornar a escola um ambiente inclusivo que ofereça as condições adequadas para um aluno com necessidades especiais específicas, é necessário “desenvolver estratégias que promovam o sistema unificado de ensino com vistas a eliminar barreiras organizacionais”, priorizando muitas vezes um trabalho mais livre e dinâmico para o desenvolvimento do aluno, além do trabalho realizado sistematicamente.

A AÇÃO DA FAMÍLIA

Segundo Pueshel (1993), um dos principais momentos para uma melhor adaptação da família à ideia de receber uma criança com Síndrome de Down, é o momento da comunicação. A partir desse momento, é que será feito todo o trabalho de conscientização, trabalho psicológico e também o trabalho social e econômico. E cada família obviamente, reage de uma maneira, podendo assim ser do modo mais natural possível, até um certo receio e negação. Por isso, alguns autores dividem as reações da família em cinco estágios: o choque, a negação, reação emocional intensa, ansiedade, insegurança e por fim, a reorganização da família.

Com o passar do tempo, as famílias começam a aceitar a situação. Mesmo assim, em qualquer momento, a insegurança vem à tona, principalmente quando os pais se dão conta que o desenvolvimento do seu filho sempre será atrasado quando comparado às crianças de sua idade e também quando eles percebem que o trabalho e o cuidado sempre

serão redobrados. Os responsáveis devem trabalhar muito a estimulação, seja ela tátil, oral, motora, visual ou auditiva, e tudo sempre dentro das limitações da criança para que não seja uma estimulação precoce e prejudicial.

Pueschel (1993) declara que a exposição pública é a melhor forma de introduzir a criança com síndrome de Down à comunidade e que por meio do intermédio dos contatos cotidianos, eles se tornam mais confortáveis com pessoas menos familiares, portanto, deve-se levá-los aos supermercados, zoológicos, praças, parques, bibliotecas, igreja, ou em qualquer lugar que a família frequenta, facilitando esse processo.

As famílias têm um certo receio de deixar com que o portador da síndrome frequente escolas, faça amigos, pratique atividades físicas, exercite suas qualidades motoras e psicológicas, e isto é um grande erro, pelo simples fato de seu desenvolvimento ser cada vez maior, sempre dentro de suas limitações, a partir do momento em que se é trabalhado. É por isso que colocá-los em escolas, regulares ou especiais, é algo de suma importância, já que a convivência fará que a compreensão de mundo seja abrangida.

Após atravessar o primeiro impacto com a situação em um todo, Pueschel (1993), relata o início da fase de estimulação, em que tanto pai quanto mãe, tios, avós e irmãos devem colaborar e nunca tratar como alguém incapaz. Como já foi dito, suas capacidades são de certa forma retardadas, mas sim, elas existem. E essa estimulação não acaba quando a criança começa a ir para a escola, muito pelo contrário, ela passa a ser maior, pois os responsáveis devem estar em sintonia com a escola, ajudando e complementando sempre os professores, para que o ensino não fique apenas no ambiente escolar, o ensino em casa pode ser sistematizado, dando continuidade ao que é ensinado na escola, e também de forma lúdica, em que consiga fixar o conteúdo de maneira prática e também brincando de maneira prazerosa. Os pais novamente devem estar sempre inteirados no desenvolvimento de seu filho, cobrando da escola quando percebe, que esta não está fazendo seu papel de socializadora e transmissora de conhecimentos.

Segundo Puesher (1993), independentemente da fase em que a criança se encontra, o fator imprescindível sempre será o diálogo, seja mediante elogios, críticas, conversas rotineiras, imposição de regras e limites, das brincadeiras, etc. Não importa qual será o motivo, a conversa

sempre ajudará na busca da solução. A família precisa conversar com a criança para entender suas necessidades e buscar saná-las. Com o passar do tempo, a imposição ficará cada vez mais difícil, e pela força será quase impossível vencê-los, e por isso eles já deverão estar acostumados com o diálogo, para que haja respeito e não medo. É preciso entender o que se faz e o porquê de não se fazer algo, e assim como qualquer criança, muitas vezes será necessária mais de uma vez a mesma explicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste trabalho possibilita perceber a criança com síndrome de Down, como ela é e como pode vir a ser, pois apesar de suas debilidades, tem as possibilidades de evoluir mediada por uma educação pautada na competência e no compromisso da escola e da família.

A família é a base, o alicerce que desde o nascimento da criança, a percebe como ser importante tanto para si como para a sociedade, sendo assim, ao integrá-la a comunidade favorece seu desenvolvimento individual, bem como o crescimento dos demais, podendo contribuir para a formação de uma sociedade mais solidária e humana.

A escola como meio educador e socializador, assume papel fundamental, nesse sentido permite à criança com síndrome de Down, conhecer um novo mundo, interagir com outras crianças, desenvolver sua capacidade de se comunicar e de se relacionar, promovendo uma educação sem desigualdades, podendo quebrar barreiras e eliminar preconceitos.

REFERÊNCIAS

LEFEVRE, B. H. **Mongolismo**: orientação para famílias. São Paulo: Almed, 1988.

PUESHEL, S. **Síndrome de Down**: guia para pais e educadores. São Paulo: Papyrus, 1993.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. Mackenzie: São Paulo, 1999.

Recebido em: 03/02/2016
Aprovado em: 20/03/2016